



BELISARIO.

A HISTORIA nem conhece a ascendencia, nem o anno e logar do nascimento de Belisario, general do Baixo-Imperio governando Justiniano 1.^o: sabe-se que pertencera ao corpo das guardas deste monarcha quando era apenas o herdeiro nomeado ao sce-

NOVEMBRO 9 — 1844.

ptro. Na guerra do imperio bysantino contra a Persia, pelos annos de 525, apparece pela primeira vez capitaneando uma expedicao; ao voltar desta foi encarregado de governar uma praça forte na fronteira da Armenia, e ahi tomou por secretario

2.^a SERIE — VOL. III.

o historiador Procopio, cujos escriptos constituem a principal auctoridade no que toca á vida deste general. Exaltado Justiniano ao throno em 527, por sua ordem foi Belisario erigir uma fortaleza junto á sua antiga praça, Dara; mas os persas o desbarataram, e arrazaram as obras começadas; conclue-se porem que nenhuma culpa se lhe imputára por este desastre, porque dahi a pouco o achámos general do exercito do oriente, empenhado na continuação da guerra: em 530 derrotou o inimigo na decisiva batalha de Dara, e nesta começou a serie de suas victorias, que todavia foram entremeadas de alguns revezes. Concluida a paz, e restituído a Constantinopola, prestou a Justiniano o importante serviço de abafar a conjuração prestes a derriba-lo do throno. Em 533 embarcou mandando as tropas destinadas á recuperação das provincias d'Africa, que tinham cahido em poder dos vandalos; foi esta das mais brilhantes das suas campanhas, na qual fez prisioneiro o rei dos barbaros, Gelimer, e mandou forças que subjugassem a Sardenha, a Corsega e as Baleares. Vindo-lhe então á noticia que ácerca da sua fidelidade entraram suspeitas no animo de Justiniano, commetteu o mando do exercito a um immediato, e partindo logo para a côrte provou serem falsas as ruins intenções que lhe attribuiam; decretaram-lhe portanto as honras do *triumpho*, que desde o reinado de Tiberio haviam sido reservadas aos imperadores sómente. Embarcado de novo para conquistar a Italia aos godos, mas com forças insufficientes, resolveu e conseguiu sujeitar a Sicilia: por esse tempo rebentou em Africa uma rebellião, e apenas a tinha suffocado teve de acudir á sublevação dos soldados amotinados na Sicilia. Obtida a paz e restabelecida a disciplina militar atravessou o Mediterraneo para a Italia, onde adquiriu o titulo pomposo de «gloria dos romanos» inscripto na medalha cunhada para perpetuação de sua memoria e façanhas. Rendida Napoles em vinte dias, logo em seguida expulsou de Roma os godos; nesta capital o veio accommetter o rei Vitiges, e durou mais de um anno o cerco, com tenacidade de assaltos dos invasores, e pertinaz defensão dos sitiados; por fim diminuido e cansado o exercito godo retirou-se para Ravenna, donde procedêra. Belisario continuou a subjugar as diversas provincias italianas, não obstante os impedimentos que lhe suscitavam os seus proprios subalternos, e uma recente invasão dos povos nortistas, apellidados francos: porem ao começar o anno de 539 abateu a opposição turbulenta dos officiaes do seu exercito, sendo chamado á côrte o eunucho Narses, que tendo a patente de general promovia a desordem; a retirada dos francos igualmente deixou desassombrado Belisario, para marchar sobre Ravenna, e de tal modo se houve que os godos desesperados já lhe offereciam a corôa de imperador do occidente; o general na firmeza de sua convicção desprezou o prestigio da soberania, e conquistou para seu amo quasi toda a Italia. Depois deste acto de nobreza e fidelidade escusado é repetir outros, que o desviaram sempre das conspirações contra o soberano, apesar de rogos, ameaças, e vantagens mui consideraveis; mas o ciúme, a inveja, o rancor de Justiniano, principe máu, prevaleciam contra os desvelos do guerreiro que lhe segurava a corôa e dilatava o imperio. Era Belisario substituido nas campanhas da Italia e entravam os valldos, os negocios iam a peor, até a invasão do feroz Totila; torna Belisario, a guerra faz-se com mais vantagem para o imperio

bysantino, que sempre mostrando receios do seu melhor sustentaculo, por vezes lhe denega o meio de proseguir no estadio da victoria, faltando-lhe com soccorros de gente e com outros indispensaveis recursos. Vai para a Persia, e acontece-lhe o mesmo: cortesãos e outra gente ainda peor, dominavam tudo. O general infeliz até com sua mulher, válida da sua muito parecida, imperatriz Theodora, incorreu no desagrado: tudo corria mal, mas que importava se os odios estavam satisfeitos, arredado do campo e dos negocios publicos o homem que a muitos fazia sombra, apesar da sua constante fidelidade e consummada pericia. Não se pense, comtudo, ser verdade que lhe arrancaram os olhos e o reduziram a mendigar ás portas da cidade pedindo e recolhendo no capacete alguns reaes para o *desvalido Belisario*. Uma comedia portugueza, ou talvez de origem hespanhola, muito antes que o romance moral e politico de Marmontel, contribuíram para espalhar esta fama, que bem condizia com as sympathias vulgares, e dava largas a vóos poeticos. É certo que, sequestrados os bens e despojado de empregos, não seriam grandes as commodidades de Belisario. — Decorrido algum tempo, reconhecida a sua innocencia, restituíram-lhe a fazenda e o posto, mas pouco sobreviveu elle a esta reintegração, porque falleceu no anno de 565. — Quanto á tradição de sua maxima desventura bom é consultar Gibbon na historia da decadencia do imperio romano.

O ASSASSINO.

(Conto moral.)

Quem, virtude, te dá tão pouco apreço,
Que em suave illusão embevecido
Não cuide em Penhaverde achar impressas
Do bom Castro as magnanimas pisadas?
Quem, de santo respeito se não toma,
Vendo da serra os monges penitentes
O Senhor exaltar entre ermas rochas?
Quem, do Jordão as grutas não recorda,
Da Thebaida os desertos? e quem póde
Deixar de proferir involuntario
De Hieronimo, Antão e Paulo os nomes?
O PASSEIO.

CINTRA! Cintra! Logar ameno e deleitoso, cantado mais por estranhos vates que por nacionaes, eu te saúdo! A ti volvo depois de dias de luto e lagrimas, que em saudoso desterro minha existencia tornaram amarga! Cintra, a quem a bondosa Providencia dotou com mão tão larga, eis torno a ver-te quando já a alma me despintava murcha esperança! Alli ainda existem teus rochedos, que sobre outros rochedos se encastellam, com seus cumes sempre envoltos em espessa nevoa. Acolá, por entre a verdura permanente, correm tuas cristallinas aguas. Mais ao longe, em grata desordem picturesca, zumbrem-se arvoredos sobre arvoredos. Cintra, oh quanto és bella! Salve, ó Cintra, de Lysia o eden!

Assim exclamava eu em um dos calmosos dias de agosto de 1833, quando acabava de chegar áquelle logar encantador. Era ainda mui cedo, e por isso resolvi visitar de novo os logares que mais impressos tinha na memoria. Depois de ter ido a Sitiaes e Monserrate, occorreu-me ver o convento de Santa Cruz de Cintra, vulgarmente chamado *da Cortiça*, porque seus muros e cellas são forrados com a cas-

ca do sobreiro, para tornar menos humida aquella solitaria habitação.

Entrei o portico do convento, que é formado por dois rochedos que se encostam um ao outro, e que formam assim um arco elliptico. No lado esquerdo encontrei a antiga fonte de agua limpida e crystallina, no tópo da qual se vê a tosca imagem de N.^a S.^a da Roca. O annoso sobreiro estende alli os seus ramos por cima dos assentos de pedra collocados junto á fonte, que convidam ao descanso o lasso peregrino. Encaminhava-me para a capella subterranea, onde tencionava visitar o sepulchro de St.^o Honorio, e o cenotafio de D. Alvaro de Castro, fundador do convento no anno de 1564, quando diviso sentado nos degraus um monge, que com os braços cruzados parecia absorto em profunda meditação. Suas faces lividas, seu rosto macerado, seus olhos encovados, sua branca barba que lhe cabia sobre o peito, seu habito de borel que tosco cordão cingia e apertava na cintura, o todo emfim do cenobita incutiu-me tanto respeito, que por alguns minutos parei contemplando aquella figura, que mais parecia estatua do que ente animado, e que mereceria empregar o pincel de Raphael ou Miguel Angelo. Não era minha intenção perturbar o recolhimento em que parecia completamente absorto o monge, e já ia descendo as escadas do convento, quando ouvi que elle me dirigia estas palavras:

— O céu vos guarde, irmão.

— E a vós, reverendo padre.

— Vindes sem duvida visitar este nosso convento. A curiosidade trouxe-vos até-qui, não é assim?

— Não ha duvida [lhe disse eu]. Tanto tenho ouvido e lido a respeito deste convento que quiz ajuizar por mim se a pintura que delle me fizeram excedia a realidade.

— Sim, tereis achado talvez que o nosso pobre e humilde convento, na pobreza e humildade, excede tudo quanto a esse respeito se vos tem dito?

— Asseguro-vos, padre, que todos os objectos que vejo neste logar sagrado infundem-me respeito.

— Sim, filho [replicou o monge, dando um profundo suspiro], tudo aqui é magestoso e merecedor de respeito, menos o infeliz que vos falla.»

Ao dizer estas palavras se lhe arrasavam os olhos de lagrimas, e de novo parecia querer entregar-se á meditação em que o encontrára. Respeitei a sua dôr, nem me resolvi a perguntar a causa de suas magoas; ia para retirar-me, quando de novo o monge, olhando para mim, com voz tremula me disse:

— Ah, senhor, se soubesseis até que ponto sou desgraçado?...

— Dizei; contai vossos pezares: elles se suavizam quando alguém comnosco reparte seu amargor. Dai expansão á dor que vos opprime, interessando um vosso semelhante nos males que vos contristam.

— Pois bem, já que sois tão bondoso e humano ouvireis a triste narração de minhas maldades.»

Tomei assento junto ao monge, que nos seguintes termos narrou a sua historia:

«Em uma das nossas provincias, e em certa cidade, que pouco vos interessa saber o nome, viviam dois rapazes, Carlos e José, que desde os seus mais verdes annos se haviam tornado companheiros inseparaveis. Ambos eram nobres; mas um juntava bens da fortuna á nobreza de nascimento, em quanto o outro, filho de filho segundo de uma casa vinculada, tinha dissipado toda a sua fortuna, e vivia de uma pequena mesada que lhe dava seu irmão

mais velho. José já não tinha mãe, e as lições que ouvia da boca de seu pai, bem como os tristes exemplos que este lhe dava, mal podiam aproveitar-lhe. Carlos, pelo contrario, não só tinha uma mãe virtuosa, mas tambem seu pai o creára na senda da honra e da moral. Não obstante isto ambos viviam nos laços da mais estreita amizade, e eram companheiros inseparaveis, porque José, apesar de seus defeitos, não era de má condição, sendo a sua peor qualidade a condescendencia com que se amoldava á vontade dos outros, qualidade esta a mais fatal para o homem propenso aos vicios. Em quanto frequentava a companhia de Carlos imitava o seu exemplo; e ainda que não fosse capaz de encetar o caminho da virtude para praticar uma acção boa, quando lh'o mostravam seguia-o de bom grado. Carlos estimava o seu amigo, e amava a unica irmã deste, a joven Beatriz. Ambos os mancebos tinham dezeseis annos de idade; Beatriz contava quinze. Não só era formosa, mas a bondade da sua alma, e o seu genio tão placido, como placido era o seu rosto, a tornavam digna da estima de todos que a conheciam.

«A mãe de Carlos ignorava que José tinha esta irmã, porque isto lhe occultára seu filho: sabia só que elle passava muitas horas em casa do seu amigo, porem desconhecia o motivo, e por isso não lhe dava cuidado a ausencia. Com o tempo ia-se arreiando no peito de Carlos o amor que consagrava a Beatriz, e esta do mesmo modo lhe entregára toda a sua alma e cuidados.

«Approximava-se o verão do anno de 1816, e Carlos e sua mãe deviam sahir da capital para a sua casa de campo. A separação dos dois amigos foi para o malfadado José, bem como a nuvem ligeira, que entre os tropicos se divisa no horisonte, e é percursora do furacão. Breve começou a frequentar a escoria da sociedade. Seu pai foi o proprio que o levára ás casas de jogo, e dalli contrahiu o conhecimento desses homens perdidos sem fé e sem consciencia, que pouco escrupulisam nos meios de se locupletar com o alheio. Carlos, voltando do campo, procurou Beatriz, e viu com magoa a mudança que fizera o seu amigo. Pallido, distraído e descuidado dava mostras da vida desregrada a que se havia entregue.

«Para cumulo de infortunio o devasso mancebo tinha que passar pelo lance fatal de ver assassinar seu pai em uma casa de jogo. Algumas altercações entre este e outro jogador, que se serviu de dados chumbados para roubar os parceiros, trouxe doestos, e destes passaram os contendores ás vias de facto, cahindo victima o pai de José. Não tardou que este vingasse a morte de seu pai, e fosse prezo, porem provadas as circumstancias attenuantes do delicto, e o não ter sido premeditado, e sim effeito dos primeiros impulsos do amor filial, obteve ser solto e absolvido. De novo entrou no vortice do mundo, e então achou que seu tio, pessoa distincta, tomára conta de Beatriz sua irmã, que a conduzira para sua casa, sem querer saber cousa alguma a respeito do sobrinho.

«Advertido por este ultimo acontecimento parecia que José se determinára a ter emenda. Sincera era a resolução que tomára; mas não teve ella longa duração, porque encontrando de novo os antigos companheiros de suas devassidões entregou-se a ellas, e suffocou n'alma todo o germen de virtude.

«Assim aconteceu que em uma noite quando Carlos sahia de ver Beatriz em casa de seu tio, viu

um grupo de gente e tropa em redor de um individuo que queriam prender. Carlos, ignaro do que occorrera, approximou-se e perguntou o que era aquillo, quando um dos circumstantes o informou que sobre o prezo pezava a accusação de haver furtado uma bolça. Imagine quem poder qual seria a dôr que experimentára o bom Carlos reconhecendo no preso o amigo da sua infancia, o dissoluto José! Cobriu Carlos o rosto com ambas as mãos, e mal poudo conter as lagrimas ao ver até onde os vicios haviam levado o infeliz José. Não havia tempo a perder; e Carlos approximando-se do queixoso, offereceu dar-lhe o valor da bolsa, com tanto que o prezo fosse solto. Annuiu este, e dirigindo-se aos soldados conseguiu delles que se soltasse o prezo sob o pretexto que lhe faltavam teatemunhas bastantes para provar o facto, o que trataria de arranjar para depois o chamar a juizo.

«Posto José em liberdade, Carlos o acompanhou até á hospedaria, onde depois de lhe dar os mais saudaveis conselhos ouviu da boca daquelle a promessa de emenda, e solemne juramento de que abandonaria para sempre as más companhias que o tinham arrastado ao crime. Carlos separou-se do antigo amigo, e visitando no outro dia a cara Beatriz, occultou-lhe tudo quanto occorrera com o irmão.

«Continuava Carlos, com consentimento do tio, a visitar Beatriz, e como obtivesse licença de seu pai, resolveu pedi-la em casamento. A sorte da virtuosa donzella muito havia melhorado desde que deixára a casa paterna: na companhia de D. Guiomar, sua tia, e de D. Alvaro, seu tio, passava dias de ventura. Estimada e amada por os que a conheciam, entregava-se toda ao amor que com ella nascera. Longe das scenas dos vicios e desconcertos que testemunhára na casa paterna; tranquilla sobre sua sorte futura que tão negra se lhe antolhava, via-se occupando um alto lugar na sociedade, aonde suas virtudes sobresabiam. Seria completamente ditosa, se porventura um unico pezar lhe não opprimisse a alma: e este pesar era a sorte de seu irmão.

«Entre os muitos admiradores que aspiravam á mão de Beatriz havia um que fôra companheiro nas devassidões de seu pai. As suas importunidades desagradavam a Beatriz, que com magua as via continuar apesar do desengano que lhe dera. Augusto, que assim se chamava o importuno namorado, promettêra vingar-se, e em todos os logares publicos aonde Beatriz apparecia, alli ia elle avexala com a sua odiosa presença, fugindo porem de se encontrar com Carlos, cujo animo elevado e alma nobre muito temia.

«Approximava-se a epocha marcada para o casamento, que devia ser no começo do inverno, quando em uma placida noite do outono D. Guiomar e Beatriz sahindo ambas em carruagem, resolveram ir gozar a frescura da noite no amêno passeio do Campo grande, que não distava muito da casa de campo de D. Alvaro. Carlos seguia ao lado da carruagem, e prestes chegaram aos jardins do Campo, aonde se apearam. Por entre as copadas arvores via-se brilhar a meiga lua, satellite da terra, que com sereno clarão allumiava a noite. Beatriz reclinada sobre o braço do amante, lhe dava o nome de esposo, e de seu constante amor lhe confiava as queixas. D. Guiomar, sentada em um dos bancos que naquelle logar deleitoso convidam ao descanso, deixava os dois amantes em plena liberdade no meio

dos grupos de homens e senhoras que, como elles, tinham vindo gozar a amenidade da noite.

«Horas eram de retirarem-se, e D. Guiomar chamando a sobrinha lh'o adverte. As senhoras entraram na carruagem, e Carlos as segue ao lado até chegarem a casa: de novo se despede, e esporêa o ginete tomando a estrada da cidade.

«Mal havia percorrido a extensão de cem passos, quando dois embuçados montados em bons cavallos o alcançam, e passando um delles pelo seu lado, diz em voz baixa para o outro — é elle! — Mal proferidas foram estas palavras, quando o segundo desfechando uma pistola á queima-roupa, fere mortalmente o infeliz Carlos, que na queda segurando o capote do assassino que lhe havia atirado, o reconhece, e exclama — és tu, José, quem me assassinou! — José pára, e fica immovel como se fôra uma estatua de marmore: o companheiro do seu crime desaparece fugindo a toda a brida, em quanto José brada por soccorro.

«Aos gritos do matador acodem os creados de D. Alvaro, e em braços levam o moribundo até a casa do amo. José os deixa pretextando ir procurar um facultativo. D. Alvaro e D. Guiomar acodem ao alarido dos moços, e recebem o mal afortunado Carlos, que exangue é collocado sobre um colção. Beatriz, a misera Beatriz ainda em seu aposento saboreava as delicias daquelle passeio encantador. O ruido porem que sentia na casa breve a trazem ao quarto aonde se achava Carlos; mas que espectáculo de sangue fere seus olhos! Pallido, sem dar accordo de si, coberto de sangue e pó jazia o amante! Carlos, meu Carlos [exclamava a misera]; e Carlos não respondia. Debalde se lhe applicaram os soccorros da arte; negro véu da morte lhe cobria o semblante. Beatriz nem chorava, nem arrancava os cabellos, nem mais uma palavra sequer proferiu: fitos os olhos no corpo do amante, dalli foi levada ao seu aposento em estado completo de estupefacção. Quando chegára a manha Beatriz não foi vista no seu quarto, e aquelles a quem confiaram o cuidado de preparar o corpo do malaventurado Carlos para a sua ultima morada, encontraram a desgraçada noiva ajoelhada junto ao cadaver, com a mão do amante apertada entre as suas, e já sem vida!»

Aqui soltou fundissimo suspiro o cenobita, e as lagrimas lhe correram pelas enrugadas faces: os soluços lhe cortaram a voz, e mal podia articular palavra. Respeitei a sua dôr, e esperei que pudesse acabar a funebre narração; mas vendo que não continuava, atrevi-me a dirigir-lhe a palavra:

— E que fim teve José, meu padre?

— Esse monstro [bradou o monge com voz terrivel], esse monstro parou na carreira dos seus crimes, não commetteu mais nenhum, nem aquelle de pôr fim á sua existencia: o vil Augusto, que pelo mal correspondido amor de Beatriz a preço de ouro o comprára, sem elle saber quem era a victima, e o levára a matar o seu melhor amigo, poudo escapar á vingança de José; e o miseravel, curvo ao pezo dos seus remorsos, depois de confessar os seus crimes perante Deus e os homens, tomou o habito penitente em um dos conventos mais austeros da nossa provincia. Poucos annos depois passou para estas brenhas, e no meio destes penhascos, cheio de arrependimento, retalhado o coração pela lembrança odiosa de seus crimes, e dos erros da sua mocidade, macerado o corpo pelos jejuns e pelas vigalias, em fervorosa oração perante o santua-

rio do Deus vivo implora misericórdia, e ainda a misericórdia divina, depois de vinte annos de penitencia, lhe não pôde restituir a paz e a serenidade de animo que em vão procurava. Ah meu filho! [continuou o monge] sois ainda moço, talvez feliz, e abastado dos bens da fortuna; fugi, fugi do vicio infame do jogo; foi elle quem tornou criminoso o miserando José! Foi elle a origem de todos os crimes, que chora com sincera contricção, mas que já não pôde apagar!»

Aqui acabou o monge a sua narração, que muito me commovêra. Levantei os olhos e fixei-os nos seus quasi amortecidos; observou que em meu animo despertára a compaixão, e então um leve rubor lhe tingiu as faces. — «Sêde feliz [me disse elle encaminhando-se para o convento], que já para mim a felicidade se acabou neste mundo, e no outro.....

— Tende fé, meu padre, que a misericórdia de Deus é infinita, e nunca faltou ao que tem verdadeiro arrependimento.

— O céu vos ouça!» exclamou o cenobita ao afastar-se de mim.

P. M.

ALGUMAS NOTICIAS SOBRE A POVOAÇÃO PRIMITIVA
DA AMERICA, E OS SEUS ANTIGOS
MONUMENTOS.

A HISTORIA do genero humano começa e repousa somente naquelles pontos sublimes, mas genericos, que a Sabedoria Eterna aprouve communicar aos homens nos livros santos. Afóra essa base não nos restam mais do que conjecturas, e raciocinios deduzidos de ruinas ainda subsistentes para calcularmos mais ou menos aproximadamente a origem, e successão dos povos que tem passado sobre o nosso globo, como sombras que se vão perder na voragem aberta pela lei universal da mortalidade. Mas o engenho humano, mas esta faisca da intelligencia divina, communicada á substancia espiritual da nossa especie, accomoda-se mal com a ignorancia, e quando succede encontrar uma pequena ponta a que possam prender-se suas forças especulativas marcha ávante, e atravez dos obstaculos compara, analysa, e conclue mnitas vezes com admiravel successo. Dest'arte se tem feito grandes descobrimentos na ordem physica e moral: muitos se terão sumido na voragem dos tempos, outros conhecemos, e gozamos; e quantos ficarão ainda reservados para nossos vindouros! A especie de que aqui tratamos em particular é uma daquellas, que mais tem dado que fazer aos sabios e philosophos de todas as idades, mas que menos tem correspondido ao esforço dos exames, e meditações. Com effeito a origem positiva dos povos da terra, assim como a origem de suas obras e creações primitivas é cousa pela maior parte ignorada. Alguns passos com tudo se tem já dado; e o gosto do tempo para com a sciencia archeologica promette ainda novas vantagens. Já passaram felizmente os seculos em que os homens occupados quasi exclusivamente de disputar uns aos outros seus direitos, e seus gosos, viam com desdem, ou não viam, nem attentavam nos monumentos que os cercavam, antes cuidavam d'acrescentar ruinas novas. Perguntai á historia o que lhe transmittiram os conquistadores do norte de noticias das artes, da policia, e da civilização romana! Vandalos, alanos, e suevos, depois os wisigodos, que se assentaram sobre as columnas e restos despedaçados dos circos, dos templos, das estatuas, das thermas dos domi-

nadores do orbe, que caso fizeram elles de tantas maravilhas, e de conhecimentos tão avantajados!

Graças sejam dadas aos sabios archeologos, a estes homens perseverantes que ha tres seculos a esta parte se tem occupado com indefesso estudo, com peregrinações e viagens penosas e dispendiosas em desenterrar os monumentos sepultos das artes, em descobrir as ossadas das cidades que pereceram, em demarcar seus limites; assignar-lhes as vias e portos de suas communicações, assentar-lhes seus derrocados edificios, interrogá-los, apontar os seus fundadores, e fixar alguns dos pontos principaes de sua historia. Com muita propriedade chamou a este brilhante resultado, a esta resurreição historica um sabio antiquario = cidades restauradas = *oppida restituta*. Por este modo se tem ido recompondo a historia, e ainda é esta a parte mais segura e a mais veridica de seus dogmas.

Respectivamente a esta sciencia [que levianamente se costuma chamar de mera e inutil erudição, mania d'antiquarios], já no nosso n.º 31 do Panorama do anno de 1842 produzimos a brilhante theoria de Mr. de Paravay, que marchando atravez de seus vastos conhecimentos linguisticos havia fixado a origem dos habitantes primitivos do novo mundo, que pela coincidencia de caracteres das raças lhe pareceram oriundos dos ultimos confins da Asia. Esta conjectura vai cada dia tomando a fórma de demonstração segundo os monumentos que se vão encontrando nas reliquias de cidades antigas, de sepulchros, e outras que attestam uma civilização apagada. Entre muitas obras que sobre este curiosissimo objecto vão sahindo á luz tem lugar distincto a intitulado *Antiquités Mexicaines*, na qual se descrevem varias povoações destruidas, cujas ruinas dispersas e espalhadas n'uma extensão de muitas leguas attestam uma civilização avançada. A estrutura dos monumentos de Palanque, e de Mitta naquelle continente appresentam semelhanças apparentes, e sensiveis com os monumentos do antigo mundo oriental: alli se encontram pyramides, momias, inscrições hyeroglyphicas, rochedos esculptados como no velho Egypto, idolos, e sepulturas que parecem de gregos antigos.

Tambem o Brazil não é inteiramente destituido destas reliquias. Facil era de ver que a maior parte das raças de selvagens que tem habitado, e habitam ainda aquelle vastissimo continente eram antes os restos degenerados, e embrutecidos d'antigos povos civilizados, do que homens simples e noveis, sahidos assim do estado da natureza: mas esta observação carecia d'outras comprovas, que pouco a pouco se vão recolhendo. Em varias partes do littoral, e em algumas do interior se tem descoberto certos caracteres, que parecem signaes, ou letras d'um alfabeto desconhecido, esculpidos na pedra dos rochedos; o que não podia ser obra dos selvagens. O que porem lança uma grande luz nesta materia é a *Relação historica d'uma occulta e grande povoação antiquissima sem moradores*, que se descobriu no anno de 1753.

Esta relação acha-se copiada no tom. 1.º do Journal do Instituto Historico e Geographico do Brazil a pag. 181, publicado em o Rio de Janeiro em 1839. Mas como este escripto é ainda mui pouco derramado no nosso paiz, pareceu-nos dar aqui alguma noticia d'elle quanto for bastante a fazer comprehender sua relevancia, e transcendencia historica. Entre os litteratos brasileiros havia desde muito a tradição de que no tempo em que governava algumas

capitanias do Brazil D. Francisco de Sousa, ahí por principios do seculo 17.º, estivera prezo na Bahia, onde falecêra, um Roberio Dias que fóra a Madrid offerer o soberano hespanhol, então senhor de Portugal, o descobrimento de minas, *pelas quaes mais prata daria no Brazil do que Bilbao dava em ferro na Biscaia*, com a condição de o fazer Marquez das Minas. O monarcha hespanhol assentou não confiar inteiramente no offerente, mas despachado Francisco de Sousa e chegando á Bahia lançou mão do Roberio, o qual conservou seu segredo, e morreu na prisão: — por este tempo se fizeram muitas tentativas para descobrir as taes riquezas mineralogicas que ficaram felizmente occultas até o tempo dos reis portuguezes da familia bragantina que as fizeram achar, e com ellas se enriqueceram posto que momentaneamente. Foi por aquella occasião, em que emissarios do governo, e aventureiros particulares, paulistas principalmente, percorriam o centro do Brazil em differentes direcções em procura das minas, que a povoação e dominação portugueza se estendeu, avistados por primeira vez aquelles vastos paizes, apenas habitados aqui e alli por selvagens que se iam afastando ou domesticando á vista dos fortes levantados, e da civilisação armada dos europeus.

Com o andar dos tempos, continuando sempre as explorações nascidas da curiosidade e da cubiça, foi por acaso encontrada a *cidade abandonada*, assentada n'uma elevação cercada de altos rochedos donde descia uma quêda d'agua, que ferida dos raios do sol em larga e variada cascata figurava aos primeiros descobridores estupefactos uma cordilheira de cristal. Este achado foi logo descripto e cuidadosamente desenhado em parte pelos ditos aventureiros, e a relação levada á capital do Brazil que já então era o Rio de Janeiro: mas ou porque a politica cobriu este descobrimento com um véu mysterioso, ou porque a imaginação escaldada com o apetite das riquezas se figurou poder encontrar alli thesouros escondidos, ficou o negocio em dissimulado segredo da côrte, e apenas se difundiu a noticia vaga da *cidade deserta* no interior do paiz.

Emfim o espirito das investigações historicas deramado pela associação de litteratos e estudiosos do Instituto Historico descobriu a desejada relação no manuscripto depositado na livraria publica da côrte do imperio do Brazil, publicada como dissemos nos *Annaes* daquella sociedade. Aquí vamos dar algumas passagens do mesmo escripto, e depois publicaremos a verificação do seu objecto quando as diligencias a que procedeu o mesmo Instituto foram coroadas do resultado apeteçido; por quanto, pena é que assim seja, a dita cidade e o seu local ainda até hoje tem escapado á expectação e impaciencia publica.

«Depois d'uma larga e importuna peregrinação [assim começa o escripto] incitados da insaciavel cubiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo sertão descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados que parecia chegavam á regiam etherea, e que serviam de throno aos ventos e ás mesmas estrellas: o luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o sol fazia impressão no cristal, formava uma vista tão maravilhosa e agradável que ninguem podia affastar os olhos daquelles reflexos. Entrando então de chover, antes de registarmos esta maravilha cristalina, vimos correr sobre a pedra escalvada as aguas precipitadas do alto dos rochedos, parecendo-nos a ne-

ve ferida dos raios do sol. Circulando as montanhas não podémos achar vereda para penetrarmos nestes Alpes ou Pyreneus brazilicos. Abarracámos com designio de retroceder quando um veado branco vindo encontrar um negro nosso que andava á lenha, e fugindo, indicou-nos o caminho por entre duas serras que pareciam cortadas por arte e não pela natureza. Entrados na garganta dos montes começámos de subir achando muita pedra solta e amontoada, por onde julgámos ser calçada desfeita. Gastámos boas tres horas na subida, que todavia nos pareceu suave pelos cristaes em que iam os entretendo as vistas; no cume fizemos alto, e estendendo os olhos vimos em rasa campina maiores motivos para nossa admiração:

Divisámos ao largo, extensão de legua e meia, uma povoação consideravel que se nos figurava uma grande cidade do Brazil: descemos logo ao valle para aquella banda, mandámos adiante exploradores, e até nos pareceu que viamos fumaças, que é um dos signaes apparentes de povoação.

Vieram os emissarios depois de dois dias dizendo que lá não encontraram um só homem vivente: armados resolvemos penetrar até lá a todo o custo, e não achámos senão um só caminho que dá entrada á grande povoação por baixo de tres arcos de consideravel altura: sobre um delles, o maior, divisámos letras esculpidas que não podémos copiar pela grande altura.

Seguia-se uma rua larga com casas de sobrados de uma e outra parte com frontaria de pedra lavrada, já denegrida. Sobre algumas das lapidas se viam inscrições abertas: as portas são baixas; pela regularidade e simetria com que tudo é feito parece uma só propriedade, sendo que em verdade são muitas, e com seus terrados formados de ladrilhos requemados, e de lages outros, sendo estas os tectos das casas.

Corremos com pavor algumas dellas, e em nenhuma achámos vestigios de moveis e alfayas: o interior das casas é escuro, ou apenas com escassa luz; e como são d'abobada todas as camaras ahí ressoam os echos das vozes, e isso mesmo atemorisa. Passada a rua, que é de bom comprimento, demos com uma praça regular, e no meio della uma columna de pedra negra de grandeza extraordinaria, e sobre ella uma estatua d'homem ordinario com uma mão apoiada na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, como apontando com o index ao pólo do norte. Em cada canto da praça está uma agulha, á imitação das que usavam os romanos; algumas já maltratadas e partidas, talvez pelos raios. Pelo lado direito corre um soberbo edificio, como casa principal ou paço do senhor da terra; na entrada grande salão, depois o resto das casas, que não percorremos todas com medo e pavor de nos entranharmos. Os morcegos eram tantos que faziam grande bulha, e vinham bater-nos na cara. Sobre o portico principal está uma figura de meio relevo talhada na pedra, despida da cinta para cima, coroada de louro. Debaixo tem esculpidos alguns caracteres, em parte já gastos do tempo, divisam-se porem outros inteiros que copiámos. Da parte esquerda está outro edificio totalmente arruinado; pelos vestigios mostra haver sido templo: em suas arruinadas paredes se veem obras de primor com algumas figuras entalhadas na pedra, cruces de varios feitios, corvos, e outras miudezas.

Segue-se uma grande parte da povoação toda arruinada, e parte sepultada em grandes e medonhas

aberturas, sem que em toda a sua circumferencia se veja herba, arvore, ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedras, umas toscas, outras lavradas, pelo que entendemos que isto seria o resultado de alguma subversão, e que os restos dos habitantes desta infeliz cidade a deixaram desamparada talvez espavoridos pelos terremotos. Defronte da dita praça corre um caudaloso rio, de lindas margens, mui agradável á vista. Da outra parte tudo são campos viçosos e juncados de variedade de flores: veem-se tambem algumas lagoas onde se produz o arroz, e povoadas de patos. Descemos rio abaixo, e passados tres dias achámos catadupa temerosa que fazia largo estrondo.» Até aqui a substancia da relação: o Instituto tem ordenado explorações para descobrir a cidade, e já no anno de 1841 um de seus socios, o conego Benigno José de Carvalho, caminhou muito espaço pelos sertões que prendem no paiz de Minas em busca della. Segundo o relatório apresentado ao Instituto no sobredito anno, parece o mesmo socio persuadido d'haver fixado a vereda que conduz á localidade procurada; mas circumstancias supervenientes o obrigaram a differir para outro tempo o proseguimento de sua missão.

J. da C. N. C.

DAS ANTIGAS FUNDAÇÕES RELIGIOSAS, E DO ESPIRITO DOS FUNDADORES.

Aos que attentamente reflectirem no estupendo e gigante phenomeno das grandiosas e quasi innumeraveis fundações religiosas dos primeiros seculos da monarchia, e daquelle que precedeu a separação de Portugal, não póde deixar d'ocorrer que causas mui poderosas, convicções profundas, destas que se apoderam do espirito, e movem o coração humano para um certo objecto, semearam no territorio, então o mal ou apenas povoado, deste reino, tantos mosteiros, tantas igrejas, e outros sanctuarios em um tempo que as grandes riquezas do commercio e industria eram desconhecidas, e o amor das artes pouco derramado. Mas não era só o dispendio da fundação e construcção material das casas, templos, e mais officinas; eram os meios da sua conservação e duração, eram as dotações de propriedades, e outras rendas necessarias ao entretenimento do culto, e dos monges, e sacerdotes que o serviam.

Estas causas, estas convicções productoras daquellas fundações foram o *principio religioso* e o *principio fidalguesco*: a mudança dos tempos e dos costumes tem alterado muito as cousas; as fundações religiosas não estão em voga na nossa epocha sensual, mas, justiça é dizê-lo, ainda hoje nas classes elevadas da antiga stirpe se encontram ainda consoladores restos daquelle união dos dois principios.

Fallemos agora do 1.º, depois iremos ao 2.º

Do principio religioso nas fundações sagradas.

A luta dos christãos, que escaparam á destruição do imperio gothico nas Hespanhas, com seus oppressores os mouros d'Africa começou com alguma apparencia de bom successo por meado do seculo 8.º nos montes das Asturias e da Galliza que a estes avisinhavam, sustentados pelos successos de Pelagio. Este principe, primeira tige da restauração da Peninsula, se havia refugiado n'uma caverna com

alguns de seus valentes e fieis companheiros; á roda delle se gruparam naquellas serras as reliquias dos christãos expulsos de todas as outras provincias hispanicas; e foi este punhado de briosos que se propozeram resistir ao imperio dos califas e ás máximas do alcorão. A crença religiosa não menos que o amor da independencia influu nesta resolução; e logo ahí nesse segundo berço da Peninsula catholica se fundou a igrejinha, e pequeno mosteiro de Covadonga, consagrada á Virgem mãe de Deus, na mesma gruta que escondeu e asylou as reliquias dos godos. Os descendentes de Pelagio sahiram das montanhas, assentaram sua côrte em Gijon, depois em Oviedo, e ahí foi fundada a cathedral da mesma cidade.

Pouco a pouco foram alargando o circulo de seu novo dominio, ganhado á ponta da lança; ora repellidos, ora avançados, chegaram em fim a reconquistar a Galliza com Portugal até o Douro em tempos d'Affonso 3.º chamado o Magno, e pelo reino de Leão até o Douro. E esta fronteira ficou sendo por um longo periodo de tempo o limite do imperio christão: e d'aqui vem que D. Fernando o Magno por meado do seculo 11 ainda chamava Estremadura ás quatro villas que marcavam aquella divisão em Portugal quando lhes deu foral, reformado depois por elrei D. Affonso Henriques, conservada a mesma denominação até os tempos d'elrei D. Affonso 2.º seu neto, que o rectificou em 1218. Estas balizas continuamente atacadas pelas invasões musulmanas não foram rotas senão momentaneamente pelas victoriosas armas d'Almanson nos fins do seculo 10, o qual atravessou a Beira e Minho, e chegou a S. Thiago de Compostela; mas ás avessas os reis de Leão, Ordonho, Ramiro, Affonso o Magno, Affonso 5.º e D. Fernando seu filho, atravessaram a Lusitania até o Mondego, e delles o ultimo pela conquista de Coimbra assegurou a possessão das tres provincias do norte. Os filhos deste, successivamente, D. Garcia, D. Sancho, e D. Affonso 6.º, confirmaram a dominação, augmentaram as forças e guarnições de praças por este lado, trouxeram povoadores do Minho e Galliza para os estabelecer junto ao Mondego, e tudo pouco e pouco se foi melhorando, cultivando, e povoando.

Um dos poderosos elementos de cultura, povoação, e policia, foram as fundações religiosas coevas da conquista, porque o espirito dos reis e dos povos, fortemente impregnado da crença catholica, ao mesmo passo que estabelecia a independencia e o senhorio nas terras restauradas, ahí assentava igualmente o culto religioso. É este um facto conhecido e indubitavel; ahí estão as historias todas ecclesiastica e profana que o attestam. Mas a philosophia dos factos, a analyse reflectida sobre o espirito da epocha vem em auxilio desta affirmativa. A vida social da epocha estava concentrada dentro de estreitos limites: o amor da independencia, e a crença moral eram as duas molas da sociedade: da primeira nascia a profissão militar; todos os homens eram soldados, e destes os senhores do territorio eram os generaes e commandantes naturaes. — O systema dominante fazia que o solo assim dividido em pequenos senhorios tivesse uma administração e uma pequena côrte do senhor; e este não faltava em cercar-se daquelles elementos de sua estabilidade e de esplendor que davam relevo e consideração a seus estados. Assim que, a par d'um castello, ou casa forte, edificavam nma igreja, e um mosteiro, cujos habitadores eram os seus capellães,

os seus notarios, os seus assessores na paz, e os que ficavam orando e pedindo a Deus o bom successo de suas empresas nos tempos de guerra. Temos disto irrecusaveis testemunhos nos nossos archivos. Do mesmo principio religioso procedia tambem que algumas das fundações eram feitas ao modo de restituições, de composições com a propria consciencia. Succedia que a licença da vida militar, a violencia de senhores e potentados que tinham fraco freio nas leis, e na opinião, se demiassem em depredações, damnos, e extorsões do alheio, em mortes e outros malefícios causados em seculares ou ecclesiasticos, chegando ás visinhanças da morte davam rebates a estes poderosos malfeitores os brados do remorso, indefectiveis em homens de crença moral; que fazer em tal apuro? Tratavam de remediar, a seu modo d'entender, os males causados, e aplacar a justiça Divina; deixavam em seus testamentos legados pios, destinavam fundações religiosas, instituiam capellas e suffragios, e para sua permanencia e perpetuidade davam-lhes rendas. N'um documento do antigo mosteiro de Pedroso, que passou ao cartorio do collegio da Graça de Coimbra, leu o auctor do Elucidario uma destas disposições d'ultima vontade em que um fidalgo da Beira instituia uma capella com certos rendimentos — *em commemoração dos homens* [dizia a verba do testador] *que matei, mandei matar, e ajudei a matar, para dizer missas de sobre altar.*

Á imitação dos grandes e senhores os mesmos individuos particulares, os menos abastados se compraziam em dar em vida, ou legar para depois da morte, uma parte de seus bens ás igrejas e mosteiros a fim de participarem de suas orações, e indulgências: e assim se foram fundando, e dotando a maior parte dellas á custa do espirito religioso dos povos, e não por doações regias como erradamente se pensa.

Os mosteiros antiquissimos de Cette, Bagauste, Soalhães, Pendurada, Castro d'avelans, Refoios, de Vieira, de Guimarães, de Paço de Sousa, de S. Jorge, de Campanhã, d'Ansedo, de Moya, o de S. Salvador de Lavra, o de Mansellos, o de Fiães e Longosvares, Meinedo, Moreira, St.º Thirso, de Grijó, de Varzea, de Pombeiro, de Montelongo, e innumeraveis outros foram fundados por senhores portuguezes, accrescentados e augmentados por deixas e doações particulares, pela devoção dos povos. Se assim não fóra não contariam os dois ultimos 200 familias no numero dos seus padroeiros, como é certo tinham inscriptas nos seus annaes. Os reis não podiam deixar de participar desta disposição geral dos espiritos; elles eram os mais ricos e poderosos, os primeiros interessados nos beneficios e na influencia dos principios religiosos, e na extensão do culto, e por isso não admira, antes era muito natural que se distinguissem nestas fundações que, alem dos beneficios religiosos, lhes traziam aquisição de força, poder, e estabilidade. D'ahi muitas de nossas famosas cathedraes, alguns dos mosteiros e conventos, e grande parte das casas, e rendimentos das tres ordens militares. A dynastia de Borgonha principalmente se avantajou nestes monumentos de sua devoção, o conde D. Henrique, e sua consorte, Affonso Henriques, e a rainha St.ª Mafalda, e outros de seus filhos e netos, elrei D. Diniz e a rainha St.ª Isabel, D. João 1.º o fundador da dynastia d'Aviz, e ainda alguns outros das seguintes não podem ser ommittidos nesta resenha dos principes devotos. E que diremos

d'um infante D. Henrique? A este homem incomparavel se deve a origem se não a fundação da maior parte das igrejas de nossas conquistas.

(*Concluir-se-ha.*)

As muitas riquezas, e sêde do dinheiro faz dos amigos traidores, e aos nobres faz fazer vilezas indignas do sangue dos seus progenitores, e outras obras torpes e feas. Ouçamos um dos poetas lusitanos que no fim do seu Canto 8.º diz: —

Este rende munidas fortalezas,
Faz treedores e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas
Sem temor de honra, fama, ou perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias
Os juizos cegando e as consciencias.

Amador Arraes Dial. 5.º fol. 151.

ELREI D. João 3.º costumava achar-se e os seus desembargadores ao despacho de todos os casos crimes de vassallos poderosos, cujos insultos e exorbitancias reprimia e castigava com rigor, ainda que fossem aparentados aos grandes assim dos seus reinos como dos de Castella. — *Arraes Dial. 5.º f. 145.*

É necessario que haja premios para que haja soldados; e que aos premios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente: deem-se ao valor e não á valia; que depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e o soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso serão leões e farão maravilhas: que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos taliz bordados anda dourada a cobardia. — *Vieira tom. 6.º f. 398.*

ISOCRATES dizia, que mais rico é o principe em ter vassallos ricos que em ter muitos thesouros proprios. Elrei D. Pedro o Justiceiro lembrava muitas vezes a seus criados quando o vestiam que lhe alargassem o cinto para que pudesse estender a mão á sua vontade, significando que é proprio do rei ser largo e magnifico.

Augusto Cesar não consentia que lhe chamassem senhor em publico nem em secreto como refere Tertuliano, o que nelle imitou Tiberio em os primeiros annos do seu imperio; porque mais convem aos reis nome de pais de familias que de senhores. — *Arraes Dial. 5.º fol. 154.*

NADA no universo subsiste por si só, alem da Divindade: as monarchias mais bem estabelecidas não podem sustentar-se sem a reciproca união das armas e das leis; umas não podem manter-se sem as outras.